

A inter(ação) entre os aspectos literários e os aspectos geográficos na obra Cidade de Deus.

The interaction between the literary aspects and the geographic aspects in the work Cidade de Deus.

Artur Vinha Soares¹, Silvana Marchesani², Leomar Tiradentes³

RESUMO: Esta pesquisa procura, através de um trabalho interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia, identificar a relação de alguns dos conceitos trabalhados em sala de aula com o tempo e o espaço da narrativa. A obra Cidade de Deus de Paulo Lins foi escolhida graças a seu contexto de criação, cujo autor retrata, duramente, a realidade da favela em que cresceu por meio de um enredo fictício, mas extremamente verossímil. Espaço, paisagem, território e lugar foram os conceitos escolhidos, levando-se em consideração duas perspectivas: a primeira considera que o estudo geoliterário fundamenta-se na relação entre o espaço e o lugar, visto que este permite ao autor descrever uma história do plano particular e pessoal para o plano geral, já a segunda mostra que a percepção da espacialidade ocorre só após perceber a existência de uma paisagem e de um território. Pretende-se reconhecer na obra a presença desses conceitos e sua importância na apreensão de características que promovam uma interpretação mais profunda. Além disso, acredita-se que a presente análise é importante para valorização dos referentes conteúdos e seu estudo em conjunto promoverá mais interesse nos alunos.

PALAVRAS-CHAVE:. Conceitos Geográficos; Elementos da Narrativa; Geoliteratura.

ABSTRACT: This research seeks, through an interdisciplinary work between the Literature and the Geography, to identify the relationship between some of the concepts studied on the classroom and the time and space of the narrative. The work Cidade de Deus by Paulo Lins was chosen thanks to its context of creation, in which the author harshly portrays the reality of the favela in which he had grown up through a fictional plot, but extremely credible. Space, landscape, territory and place were the chosen concepts, taking into account two perspectives: the first considers that the geoliterary study is based on the relationship between space and place, since this allows the author to describe a history of private and personal plan to the general plan, yet the second one shows that the perception of spatiality occurs only after realizing the existence of a landscape and a territory. It is intended to recognize in the work the presence of these concepts and their importance in the understanding of characteristics that promote a deeper interpretation. In addition, it is believed that the present analysis is important for valuing the referring contents and its study together will promote more interest in students.

KEYWORDS: Geographyc Concepts; Narrative Elements; Geoliterature.

¹ Ex aluno do CAP/COLUNI. Bolsista FAPEMIG Bic-Júnior/2018-2019. Atualmente cursa Relações Econômicas Internacionais na FACE-UFMG. E-mail: vinha.artur@gmail.com

² Professora Orientadora-Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: marchesani@ufv.br

³ Professor Orientador-Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: leotiradentes@ufv.br

INTRODUÇÃO

Por meio desta pesquisa, pretende-se estudar a existência de benefícios da aplicação interdisciplinar de conteúdos da Literatura e da Geografia, através da leitura de obras da Literatura Brasileira. Mesmo com abordagens distintas seus objetivos convergem quando se trata da apreensão da realidade humana, enquanto a ciência geográfica analisa as transformações espaciais, a arte literária encarrega-se, até de maneira involuntária, por representar os espaços, os movimentos e as próprias culturas com passar do tempo.

Para consolidar a relação das disciplinas e tornar suas ações para o desenvolvimento do trabalho mais eficazes, dois traços foram escolhidos: os conceitos geográficos e os elementos da narrativa. Esses conceitos são ferramentas para a análise da compreensão da Geografia e seu estudo perde o sentido se feito isoladamente. Logo, aliá-los a outros conteúdos e contextualizá-los lhes dá um significado. Os elementos da narrativa são as características visíveis na tipologia narrativa e possuem funções fundamentais para a construção da história. Acredita-se que esses elementos são a parte da obra onde os conceitos serão identificados e que esses conceitos auxiliarão no entendimento das questões representadas.

A percepção espacial ocorre inversamente à abrangência dos conceitos geográficos, pois ainda que o espaço seja o todo e contenha a paisagem e o território, a sua compreensão é posterior a eles. O lugar também toma definições importantes, já que é o eixo que se conecta à narrativa devido a subjetividade do autor impressa na obra. O tempo e o espaço narrativos são os elementos que permitem localizar os conceitos dentro da obra e assim estabelecer a análise.

O caráter naturalista de Cidade de Deus é a razão pela qual se pretendeu utilizar o livro para desenvolver a pesquisa. Pensado para ficar restrito ao ambiente acadêmico, tornou-se uma grande influência para a arte da periferia e diversas adaptações surgiram, como o filme homônimo de destaque internacional. Paulo Lins faz quase um relato da favela em que cresceu no Rio de Janeiro, destacando a violência que assola a comunidade. É nesse livro denso e fértil que se procura identificar a paisagem descrita para depois percebê-la pelo conceito de território e de espaço, transpostos pelo tempo psicológico e pelo espaço mutável. Além disso, os trechos de grande subjetividade podem auxiliar na percepção do lugar geográfico, bem como ele mesmo revelar traços de subjetividade.

Utilizar o espaço, a paisagem, o território e o lugar presentes no espaço e no tempo narrativos como eixo de interação da Literatura e da Geografia para que os dois conteúdos se ajudem na construção de um pensamento mais amplo e dinâmico do mundo dos estudantes secundaristas é o objetivo desse artigo.

A presente pesquisa fundamenta-se em artigos científicos encontrados em revistas eletrônicas, em textos recomendados pelos orientadores e no livro de Cidade de Deus. Eles são os materiais que serviram de embasamento teórico e de exemplos para desenvolver o presente estudo.

Após uma sucinta análise feita com os textos escolhidos definiu-se que os quatro conceitos citados anteriormente seriam suficientes a abordagem trabalhada juntamente dos elementos de espaço e de tempo narrativos. Em paralelo, escolheu-se a referente obra e procedeu-se com sua leitura.

No segundo momento, reuniu-se os materiais encontrados com a intenção de aprofundar a discussão proposta e selecionar a maneira correta de identificar os conceitos ao longo da história. Seguindo esse pensamento, procurou-se estudar a obra e encontrar as interações existentes por meio de trechos em que isso é evidente. Por fim, iniciou-se a elaboração deste relatório com a finalidade de registrar as conclusões tomadas e divulgá-las para que possa auxiliar em outras pesquisas e no próprio ensino da Geografia e da Literatura.

A INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

O ser humano tem buscado ao longo de sua existência analisar e compreender o amplo espaço que a natureza lhe oferece não apenas como matéria-prima para sua existência, mas também, como direcionamentos que possibilitem repensar a sua própria evolução estrutural e social.

Enquanto ciência, a Geografia procura, no decorrer de sua história, ideias e princípios que possibilitem a evolução do modo de pensar e de ser da própria sociedade, visando, principalmente, compreender a complexa relação que existe entre natureza e sociedade.

A evolução do pensamento da Geografia no Brasil não é uniforme e compreende-se em diversas fases. Até a década de 1970 a ciência geográfica possuía um caráter estritamente positivista e preocupava-se com a descrição do espaço físico. Esse cenário muda sob influência de Yves Lacoste e Milton Santos, quando se inaugura o movimento da Geografia Crítica responsável por romper a cientificidade e buscar a compreensão das complexas e mutáveis relações entre o ser humano e o mundo.

A princípio, tal complexidade torna necessária a criação de conceitos que permitam compreendê-la. Dentro do ambiente escolar, é pertinente segundo Lisboa (2007) a abordagem de discussões conceituais, que são, inclusive, ressaltadas pelos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) pois “Conceituar significa a ação de formular uma ideia que permita, por

meio de palavras, estabelecer uma definição, uma caracterização do objeto a ser conceituado.” (MEC/SEF, 1999, *apud* LISBOA 2007).

Prosseguindo na perspectiva da autora acredita-se que o estudo de conceitos geográficos permita melhor entendimento dos conteúdos a serem trabalhados e funcione como ferramenta para construção de um pensamento crítico. Destaca-se, ainda, a seriedade necessária para trabalhá-los:

Não se deve pensar nos conceitos como algo pronto e acabado e que serve de memorização, pois eles estão em constante construção. Sendo compreendidos dissociados da realidade, os conceitos se apresentam desprovidos de significado, já que eles surgem para possibilitar uma análise da sociedade. (LISBOA, 2007, p. 25).

Nessa conjuntura, Sinhorini (2008), citando Corrêa (2003), analisa em sua obra “Os conceitos geográficos e o ensino de Geografia” o pensamento geográfico brasileiro ao longo da história, justificando que:

[...]a Geografia como ciência social, tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave (espaço, paisagem, lugar, região e território) que guardam entre si forte grau de ligação, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre. (CORRÊA 2003, *apud* SINHORINI, 2008, p. 80).

Para Sinhorini (2008) esses cinco conceitos são fundamentais para a compressão dos aspectos comuns na análise Geoliterária, no entanto, apenas quatro deles serão devidamente conceituados, sendo eles: espaço, lugar, paisagem e território. Isso se justifica, pois, a pesquisa seguirá duas vertentes que serão apresentadas mais a frente. A primeira considera a relação primordial entre o lugar e o espaço para compreensão do saber literário, já a segunda corrobora com os estudos de Ruy Moreira no que diz respeito à percepção do espaço geográfico após a apreensão dos conceitos de paisagem e de território. A região geográfica não perde sua importância, porém seu intenso grau de mutabilidade torna difícil sua abordagem no contexto da pesquisa

É importante acrescentar que existe a distinção entre conceitos e categorias de análise, conforme faz Ruy Moreira (2008). Essa nomeação de “categorias”, contudo, não implica em consideráveis divergências com a utilização de “conceito”, sendo que, neste artigo, pretende-se tratá-los como semelhantes em relação ao significado.

A relação entre espaço e lugar é o eixo para visualizar as relações entre a Geografia e a Literatura, no entanto, a percepção e a abrangência desses conceitos dão-se de outra maneira, como aborda Moreira (2008). Para esse autor “A relação homem-meio é o eixo epistemológico

da Geografia”, e é estruturada a partir das categorias de paisagem, território e espaço, argumentando que “analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na paisagem e a seguir compreendê-lo em níveis de território, a fim de compreender-se o mundo como espaço.” (MOREIRA, 2008).

Estabelecendo-se a Geografia como responsável pelo estudo das relações entre o homem e o meio, o espaço geográfico se torna fundamental. Bem como ressalta Lisboa (2007), sua abrangência sobrepõe os demais conceitos sendo amplamente carregado de significado, não só pela ciência geográfica. Em concordância com a autora funciona “[...] como ‘um todo’ do qual derivam os demais conceitos e com o qual eles se relacionam. (LISBOA, 2007, p.26)”

Partindo desse ponto de vista, múltiplos autores concordam sobre a vastidão do espaço geográfico. O prestigiado acadêmico Milton Santos (2008) analisa o conceito como “um conjunto inseparável de sistema de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2008, p.66), porém sendo esta uma abordagem de difícil compreensão para o contexto da educação básica, pretende-se destacar trabalhos que promovam um raciocínio mais simples a seguir.

A fim de se apreender, com eficácia, estudos como o de Lisboa (2007) e Dellfus (1975) tornam-se pertinentes de enfoque, visto que destacam, respectivamente, a presença fundamental do ser humano para a existência de relações que, por conseguinte, configuram um quadro extremamente mutável e diverso, na superfície do planeta Terra.

Haja vista a contemporaneidade desta pesquisa, torna-se indispensável destacar que o reflexo das dinâmicas socioculturais constitui o espaço geográfico. Essa afirmação é justificada por Sinhorini (2008),

Este espaço é dia-a-dia reproduzido através do trabalho e demais atividades do homem e revela as contradições e desigualdades sociais, o espaço geográfico é, simultaneamente, resultado e condição dos processos sociais. Assim, espaço e sociedade condicionam-se mutuamente. (SINHORINI, 2008, p. 81).

Logo, o espaço geográfico é o espaço da superfície terrestre configurado nas interações entre o homem e o ambiente como um todo.

A construção do conceito de paisagem é, em geral, um consenso que se embasa nas obras de Milton Santos. Lisboa (2007) e Sinhorini (2008) trabalham a abordagem do autor na perspectiva de que a paisagem é admitida através dos sentidos humanos (olfato, tato, paladar, visão e audição) sendo a visão a principal responsável por essa admissão.

Em conformidade com Moreira (2008), este é o primeiro conceito apreendido pelo ser humano, visto que antes de compreender a dinâmica espacial é necessário visualizá-la. No

mesmo raciocínio, vale destacar a incompletude em seu estudo educacional, como Sinhorini (2008) denuncia:

Em alguns casos, em sala de aula, costuma-se considerar como paisagem somente os elementos naturais, tais como montanhas, rios, mares, florestas entre outros, entretanto, paisagem também abrange as construções humanas como pontes, ruas, edifícios, além das relações humanas como feiras e estádios de futebol, nesses casos ocorre uma variação das paisagens, pois se trata de uma composição momentânea. Ou seja, a paisagem constituída por um conjunto de elementos dinâmicos criados pela natureza e pelo homem. (SINHORINI, 2008, p. 84).

Comungando com as ideias de Santos (1988), Lisboa acrescenta que paisagem expressa a herança do passado. De acordo com a autora:

A paisagem também se constitui como uma realidade atual construída através do acúmulo de acontecimentos ou eventos passados, uma vez que o que é observado em uma paisagem da atualidade passou por um processo de constantes mudanças. (LISBOA, 2007, p. 27).

Esses raciocínios da compreensão através dos sentidos, das heranças expressas e da dinâmica em sua percepção são a linha para apreender o conceito abordado na obra em questão.

O termo território é amplamente utilizado nos dias de hoje e tal fato possui uma explicação concordante com Lisboa (2007): sua relação com a noção de “poder”. Faz-se necessário destacar que apesar das relações de poder serem fundamentais para a construção do conceito, não são sua única característica. Como trabalham Tamdjian e Mendes (2010), os territórios também são marcados por relações culturais e sociais.

O poder torna-se essencial nesta discussão, pois é a partir dele que o homem territorializa o espaço. Isso parte, segundo Gaspar (2004), de uma apropriação de determinado grupo social. Percebe-se, ainda, que o espaço continua anterior ao território, sendo que este é uma contraposição ao “espaço liso” imposto.

Ainda convém lembrar das territorialidades que são trabalhadas por Lisboa:

As discussões a respeito da territorialidade destacam a possibilidade de que as relações de poder não necessariamente efetivem áreas de ocupação e controle de determinados agentes, em que as fronteiras podem se manifestar instáveis. A territorialidade se mantém associada às relações de poder e se apresenta como a tentativa de constituir um território, nem sempre materializável, através de fronteiras bem delimitadas. As disputas de grupos rivais pelo controle do tráfico de drogas nas favelas, as áreas de prostituição nas regiões centrais das cidades e as ocupações dos movimentos de trabalhadores sem terra são alguns exemplos de como a territorialidade pode se constituir. (LISBOA, 2007, p. 28)

Nessa conjuntura, é notável a relevância do território e as territorialidades nesta pesquisa, visto que o livro em questão aborda temas que são fortes exemplos de verificação desse conceito como os sugeridos pela autora.

Como dito antes, a conexão entre o espaço e o lugar são fundamentais para o estudo interdisciplinar entre a Geografia e a Literatura. Este último conceito possui certa especificidade em relação aos demais presentes neste texto, visto que é associado à perspectiva de um grupo ou de uma pessoa, e segue para essência de pertencimento dessas pessoas à determinada área, ligando-se fortemente às características culturais (Lisboa, 2007). Continuando nessa análise Barcellos (2009) trabalha em sua obra “Espaço, Lugar e Literatura - O olhar geográfico Machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro” com a perspectiva de Ferreira (2000) apontando o lugar como:

[...] um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar.” (BARCELLOS, 2009, p. 48)

O limiar entre o espaço e o lugar, como discorre Barcellos (2009), é a perspectiva da experiência. O mesmo ainda aborda os estudos de Yu Fu Tuan, autor que serve de base para refletir-se acerca da concepção do termo, que na Geografia Humanística ganha extrema importância. Nessa conjuntura, Barcellos (2009), citando Tuan (1983) aponta:

[...] são termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6, *apud* Barcellos, 2009, p. 48)

Dessa forma percebe-se que o lugar está na valorização de um determinado espaço e conseqüentemente em uma identificação por parte dele.

Antes de partir para análise da Literatura, é importante refletir sobre o conceito da própria “favela”, uma vez que se trata de um termo presente ao longo de todo o desenvolvimento e é fortemente estigmatizado. A publicação “O que é a favela, afinal?” de 2009 propõe a formulação do conceito que abarque a complexidade e a heterogeneidade.

Dentre os perfis de construção cabe a esta pesquisa destacar dois deles: o socio-urbanístico e o sociocultural. Segundo a linha do primeiro “A favela significa uma morada urbana que resume as condições desiguais da urbanização brasileira e, ao mesmo tempo, a luta de cidadãos pelo legítimo direito de habitar a cidade.” (SILVA, 2009, p.97) e de acordo com o recorte cultural “Superando os estigmas de territórios violentos e miseráveis, a favela se apresenta com a riqueza da sua pluralidade de convivências de sujeitos sociais em suas diferenças culturais, simbólicas e humanas.” (SILVA, 2009, p.97).

É por meio da relação entre o espaço e o lugar que se proporciona a relação entre as duas disciplinas, porque Paulo Lins a partir do seu pertencimento à Cidade de Deus- um espaço geográfico, um território comum aos centros urbanos brasileiros, uma paisagem marcada por preconceitos e um lugar de subjetividade para o autor-, constrói seu enredo a partir de experiências passadas. De tal maneira o espaço geográfico e o espaço literário são similares e desenvolvem-se através do tempo da narrativa, o que é objetivo desta pesquisa.

A VISÃO DA LITERATURA

Enquanto a Geografia, dotada de cientificidade, procura analisar a realidade, a Literatura acaba sendo uma das formas mais eficazes de representá-la. Vista primeiramente como uma atividade artística, marcada pela subjetividade e por diferentes graus de ficção ela “demonstra o cotidiano da humanidade dentro de um contexto temporal e espacial, consagrando-se, ao mesmo tempo, como indicadora de estruturas” (SANTOS, 2008, p.02). Tal afirmativa destaca a impressão das personalidades do autor nas obras e conseqüentemente o pensamento e as próprias características socioculturais que o cerca.

Esse próprio fenômeno enquadra Cidade de Deus e Paulo Lins como parte da chamada Literatura Afro-brasileira. Como descreve DUARTE (2011) essa literatura se diferencia do conjunto literário nacional por causa de cinco fatores dos quais se destacam três: a temática, a autoria e o ponto de vista. Os dois primeiros dizem respeito, ao próprio negro e seu cotidiano transpostos em texto por um autor que vivenciou tal realidade. Por consequência o terceiro fator se mostra verdadeiro, pois “Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população.” (DUARTE, 2011, p.12). Isso tudo acontece graças a origem da obra, que surgiu após uma pesquisa sobre a criminalidade no Rio de Janeiro que fora transformada em romance.

No contexto da Educação Básica, Secundária e Superior, o estudo das manifestações literárias através da história, assim como o de suas características e estruturas, enquadra-se na disciplina também denominada por Literatura. Essa polissemia é na verdade fundamental para as definidas pretensões, uma vez que a expressão artística auxilia no relacionamento com os conceitos geográficos descritos anteriormente e a compreensão dos elementos característicos da tipologia narrativa proporciona a identificação específica desses conceitos em uma história.

É importante destacar que a narrativa não se restringe ao circuito literário e segundo a análise de Reales e Confortin (2011) ela “se dá em diversos modos expressivos tais como o cinema ou as histórias em quadrinhos, misturando suportes verbais e imagens.” (REALES E CONFORTIN, 2011, p.09). Ainda na perspectiva desses autores faz-se necessária a separação das análises da narrativa:

Numa narrativa, é fundamental observar o que se conta e como se conta. Ou seja, para efeitos de análise, devemos distinguir dois planos fundamentais: o da *história* e o do *discurso*, planos, no entanto, organicamente articulados na *narração*. No plano da história, observaremos *o que se conta*; no plano do discurso, *como se contam* os fatos narrados. (REALES E CONFORTIN, 2011, p. 41)

No plano da história o tempo e o espaço destacam-se como possibilidades de situação dos conceitos geográficos já que “são as coordenadas essenciais onde se desenvolvem os fatos narrados ou as ações dos personagens” (REALES E CONFORTIN, 2011, p. 41).

O tempo também é visível no plano do discurso e diz respeito a linguagem estabelecida, e, dessa forma, não auxilia a vigente proposta. Já o tempo histórico, a sucessão dos fatos narrados, sugere a própria localização de ações e eventos cronologicamente, daí o termo tempo cronológico que em Cidade de Deus se mostra interligado com as próprias pretensões do autor.

Segundo Dutra (2015), o próprio contexto de desenvolvimento da obra exalta isso:

O romance de Paulo Lins Cidade de Deus tem sua elaboração entre o período de 1986 a 1993, após um longo estudo antropológico de seu autor. Morador da comunidade, Paulo Lins é conhecedor e participante da realidade do recém-criado bairro, e através do seu livro, relata os acontecimentos, não apenas de forma literal, mas também realizando um trabalho documental e histórico. (DUTRA, 2015, S/P)

Dessa maneira, os fatos, ou melhor, os conceitos geográficos ficam definidos temporalmente ou são devidamente datados. Contudo, existe outra maneira de se narrar que ocorre através do tempo psicológico, utilizado como estratégia narrativa e responsável por

expressar grande subjetividade à obra. Seu uso consiste na interrupção da cronologia para contar ações ocorridas no passado ou que ocorrerão no futuro.

Em “Introdução aos Estudos Narrativos (2011)” os autores abordam a relação entre o tempo e o espaço, o cronotopo de Mikhail Bakhtin:

O conceito de *cronotopo*, como o próprio termo indica - *tempo* cronológico (*Cronos*) associado a *espaço* ou lugar (*Topos*) - marca conceitualmente a dinâmica ou a dialética interna que o discurso narrativo opera entre o *espaço* e o *tempo* da história. Ou seja, no cronotopo há a fusão dos elementos descritivos do espaço com o tempo objetivo ou subjetivo (psicológico) da história. (REALES E CONFORTINI, 2011, p. 44)

É no espaço que as ações se desenvolvem, juntamente com “os ambientes sociais, psicológicos, morais e culturais que fazem parte da narrativa” (REALES E CONFORTINI, 2011, p.48). Esses autores destacam que um espaço narrativo é um lugar geográfico que pode variar em diversas escalas, de cidades à objetos. Associado ao tempo, ou seja, o cronotopo abarca também os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos que circundam o espaço. Além disso,

O espaço numa narrativa, quando entendido como o espaço social, é o lugar amplo onde coexistem tipos e figuras que ajudam a caracterizar uma ambiência social no sentido às vezes crítico dos vícios e deformações da sociedade representada na narrativa. Também pode ser entendido como o espaço ou ambiente psicológico onde o protagonista e/ou os personagens sofrem, são felizes, especulam, sonham ou vivenciam certos estados espirituais. (REALES E CONFORTINI, 2011, p. 48)

Ainda convém lembrar que um espaço nunca será totalmente expresso, uma vez que é visto sob a ótica do autor como aponta a seguir

Por mais que o narrador objetive descrever fielmente uma paisagem, um lugar ou um objeto, essa descrição obedecerá, em última instância, aos movimentos de seu estado de espírito, ao seu ponto de vista, a sua focalização e a suas pretensões. (REALES E CONFORTINI, 2011, p. 49).

Logo, os conceitos de paisagem, território e espaço geográfico sempre estarão em um plano inferior ao do lugar geográfico, pois a subjetividade deste se destaca perante os demais. Já o tempo e o espaço servem como maneira de situar esses conceitos ao longo da narrativa e a compreensão conjunta pode fortalecer a interpretação dos eventos expressos na obra.

Procedendo-se com a articulação teórica dos aspectos que fomentam a interação entre a Literatura e a Geografia partiu-se, pois, para a constatação. Durante a leitura do livro a presença

dos conceitos geográficos ficou evidente. Tal resultado já era esperado devido ao próprio desenvolvimento da obra que foi escrita como um projeto de pesquisa de Antropologia e baseado em entrevistas e artigos, assim como na vida de Paulo Lins.

A história, que se divide em três partes, retrata a realidade do bairro Cidade de Deus destacando a violência que assola a comunidade. Na primeira parte “A história de Inferninho”, o personagem Buscapé reflete sobre as transformações espaciais, assim como remete a sua infância. O trecho a seguir destaca essas transformações.

Repousou o olhar no leito do rio, que se abria em circunferências por toda a sua extensão às gotas de chuva fina e sua íris, num zoom de castanhos, lhe trouxeram flashbacks: o rio limpo; o goiabal, que, decepado, cedera lugar aos novos blocos de apartamentos; algumas praças, agora tomadas por casas; os pés de jamelão assassinados, assim como a figueira mal-assombrada e as mamoneiras; o casarão assombrado que tinha piscina e os campos do Paúra e do Baluarte – onde jogara defendendo o dente de leite do Oberom – deram lugar às fábricas. (LINS, 2012, p. 10-11)

O personagem utiliza do recurso do tempo psicológico, o flashback, para retornar ao passado e destacar as mudanças que ocorrem ao longo de sua vida. A descrição de elementos da paisagem natural como “rio limpo”, “goiabal”, “pés de jamelão” e, posteriormente, de elementos da paisagem urbana demonstram sua evolução. O conceito de espaço também é visível e evidencia a interferência humana na configuração espacial, o crescimento do espaço urbano e a industrialização. Em última análise, as expressões “tomadas” e “assassinados” indicam um saudosismo das áreas perdidas sugestionando um lugar geográfico.

Já a infância é destaque em:

Doeu pensar na mosquitada que sugava seu sangue deixando os caroços para despelarem-se em unhas, e no chão de valas abertas onde arrastara a bunda durante a primeira e a segunda infância. Era infeliz e não sabia. (LINS, 2012 p. 11)

O tempo psicológico é usado novamente e descreve o espaço de lazer durante sua infância, porém o ponto principal desse trecho está no último período. A afirmação “Era infeliz e não sabia” remete a frase oposta “era feliz e não sabia” utilizada para revelar a ingenuidade das crianças e a dureza do ambiente em que crescera, e de certa forma revelar verdades sobre a própria infância do autor. O lugar geográfico fica evidente por meio dessa identificação negativa da infância na favela e sugestiona que demais crianças tenham experiência parecida.

Após essa breve perspectiva de Buscapé, desenvolve-se a trajetória de Inferninho, um violento traficante que deixa a polícia enfurecida. Em determinado momento a história, permite voltar a infância do personagem novamente utilizando do tempo psicológico.

Lá no São Carlos, Inferninho desde criança vivia nas rodas de bandidos, gostava de ouvir as histórias de assalto, roubo e assassinato. Podia passar distante dos bichossoltos, mas mesmo assim fazia questão de cumprimentá-los. Nunca lhes negava favores, fazia questão de matar aula para ajudar a rapaziada que botava pra frente: limpava as armas; endolava a maconha; às vezes, comprava o querosene da limpeza dos revólveres com seu próprio dinheiro para subir no conceito com os bandidos. (LINS, 2012, p.41)

São Carlos revela-se um lugar de importância significativa, já que contribuiu para o processo de formação do personagem. Isso enuncia a influência do tráfico na formação de novos traficantes e na idealização de figuras fortes no imaginário infantil. A aceitação social também é perceptível juntamente com a rotina comum de sustento à atividade.

O território não recebe tanto destaque nessa primeira parte, porém quando Inferninho é ameaçado por um policial, o conceito revela-se sutilmente.

Mesmo temeroso, Inferninho saiu para dar uma volta junto com a esposa. Não aguentava mais ficar vendo o tempo envelhecer dentro de casa. Tomou uma cerveja na birosca da dona Idê apressadamente. Não ficava num mesmo lugar por muito tempo. Resolveu dar uma banda no baile, mesmo contrariando Berenice. Entrou no salão só depois de certificar-se de que o policial não estava no baile. Rodou por todas as dimensões do clube. Calado, sempre calado aos cumprimentos que recebia. Não costumava falar quando estava sobressaltado. (LINS, 2012, p. 135)

Usando o tempo cronológico, a área antes controlada por Inferninho agora é local de ameaça eminente, o poder que antes pertencia a ele agora pertence ao policial que o quer morto.

A segunda parte “A História de Pardalzinho” trata de um traficante que oscila entre o ambiente da favela e o centro urbano. O crescimento do tráfico no centro urbano e sua influência na juventude também ganha destaque. Os contrastes territoriais tornam-se mais evidentes:

Traficar, era isso que estava na onda, isso que estava dando dinheiro. Agora lembrava de Geleia, gerente do jogo do bicho do São Carlos, falando que o tráfico era o que estava segurando a onda dos bicheiros, pois a coisa havia ficado ruim para o lado deles desde que a Polícia Militar fora para o policiamento ostensivo — atividade delegada anteriormente à Polícia Civil —, porque a maioria dos PMs queria propina dos bicheiros, que, mesmo mandando dinheiro forte para os coronéis de polícia, não tinham mais sossego.

Além da Polícia Militar, os detetives e delegados da Polícia Civil também continuaram a exigir um cala-boca. (LINS, 2012, p. 198).

Não só a disputa de poder cresce como também se cria um sistema de manutenção dos contrastes apoiado pelos policiais e pelos traficantes. O espaço e tempo revelam uma sociedade corrupta e violenta que agora não se restringe à favela.

Em “A História de Zé Miúdo”, o terceiro e último capítulo mostra o embate entre duas facções criminosas. O personagem Zé Bonito é responsável por fortalecer a ideia de que o meio influencia o homem, que em seu caso foi de um trabalhador honesto a um traficante em busca de vingança:

José trabalhava de trocador de ônibus, dava aulas de caratê no Décimo Oitavo Batalhão da Polícia Militar, terminava o segundo grau à noite num colégio estadual da praça Seca, jogava bola todo sábado à tarde, único momento em que ficava junto às pessoas de sua idade, porque não era de muito coleguismo. Gostava mesmo era de andar sozinho para evitar encrencas. Por ser considerado um rapaz muito bonito na favela, vivia cercado de garotas, até ganhara o apelido de Zé Bonito. (LINS, 2012, p. 293)

Os locais de trabalho revelam lugares de formação da dignidade. Compreende-se que a mentalidade social valoriza o trabalho formal, e demonstra a segregação racial ao mostrar um homem negro que estuda e trabalha em dois cargos para se manter. A indignação com o espaço e a percepção da estagnação aparecem quando este sofre um trauma.

Pegou o ônibus de volta para casa. Se tivesse dinheiro se mudaria... Foi sentindo nojo de tudo que existia naquele lugar, quando desembarcou na praça Principal. Arredio, caminhava para casa por lugares obtusos, não queria ver ninguém. A cada passo bolava estratégias para sair dali com sua família. Se fosse mandado embora do emprego e se a irmã e o irmão também o fossem, juntariam as indenizações para dar de entrada, até mesmo na Baixada Fluminense, numa casa. Proporia isso à família, inventaria uma desculpa qualquer para sair dali. Seus passos agora eram mais firmes. Como não pensou nisso antes? [...] (LINS, 295, p. 295)

Percebe-se que o personagem considerava a Cidade de Deus um lugar e desenvolvera laços afetivos que foram totalmente destruídos quando a violência atingiu diretamente sua família, porém a possibilidade de mudança ainda é incerta por causa das imposições socioeconômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre os aspectos geográficos (conceitos da geografia) e entre os aspectos literários (elementos da narrativa) provou-se um grande benefício obtido pelo trabalho interdisciplinar. Os conceitos não só se situam ao longo das narrativas como também cumprem seu propósito de auxiliar na compreensão da realidade, que no caso é transmitida na obra. Os elementos da narrativa foram chaves para situar os conceitos na história e exprimir uma espacialidade e uma temporalidade ao pensamento desenvolvido em *Cidade de Deus*.

A interação entre as duas áreas proporcionou uma melhor construção de sentido dos fatos narrados e compreensão da realidade situada.

O livro *Cidade de Deus* demonstrou riqueza de análise que associado às proposições permitiu o avanço do projeto. Tal abrangência dá ainda possibilidade para o desenvolvimento de novas pesquisas que possam trabalhar os demais conceitos e aprofundar ainda mais a discussão. Contudo, o trabalho assim feito pode auxiliar os estudantes do Ensino Médio a relacionar a Literatura e a Geografia de modo crítico e construtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, F. R. **Espaço, lugar e literatura**: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, Espaço e Cultura, n.25, p.41-52, 2009.

BAKHTIN, M. **Elementos de Semiologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

DELLFUS, O. **O espaço geográfico**. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1975.

DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4: História, teoria, polêmica.

DUTRA, N. L. **“Cidade de Deus”**. Globo Educação, Literatura. 2015. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/cidade-de-deus.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2018.

FERREIRA, L. F. Acepções Recentes do Conceito de Lugar e sua Importância para o Mundo Contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, 2000.

GASPAR, J. **Técnica, território e poder. Milton Santos e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LISBOA, S. S. A importância dos conceitos da Geografia para aprendizagem de conteúdos escolares geográficos. Viçosa: **Revista Ponto de Vista**. Vol.4. p. 23-35. 2007. Acesso em 20 dez. 2018.

LINS, P. **Cidade de Deus**. São Paulo: Planeta, 2012.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OLANDA, D. A. M. ALMEIDA, M.G. de. **A geografia e a literatura: uma reflexão.** Florianópolis: Geosul, vol.23, n.46, p.7-32, 2008.

PAIVA, M. R. “**Cidade de Deus**”, o livro que dá voz a quem não tem mais nada. Folha de São Paulo, 1997. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/cidadede-deus/conheca_o_livro.shtml . Acesso em 17 de setembro de 2020.

REALES, L. CORFORTIN, R. S. **Introdução aos estudos da narrativa.** Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

SANTOS, A. R. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. UFRR, **Examãpaku-Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, vol.1 n.1. 2008. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1466/1060>

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. Ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: HUCITEC,1988.

SILVA, J. S. **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SINHORINI, J. N. Os conhecimentos geográficos e o ensino de Geografia. FAMPER, **Revista Eletrônica Mundo Contemporâneo.** 1.ed. p. 77-90, 2008. Disponível em: http://www.famper.com.br/arquivos/revistaeletronica/os-conhecimentos-geograficos-e-o-ensino-de-geografia_1418917392.pdf Acesso em 15 abr. de 2018

TAMDJIAN, J. O. MENDES, I. L. **Geografia: estudos para a compreensão do espaço.** São Paulo: FTD, 2010.